

**SOBRE A RELAÇÃO ENTRE ESCRITOR E LEITOR: TRADUÇÃO COMENTADA**

Simone Pereira Gonçalves<sup>1</sup>

Tradutora e intérprete pública em Berlim, membro da BDÜ  
simonepg@hotmail.com

Comento aqui minha tradução do décimo capítulo da terceira e última parte do tratado sobre boas maneiras, *Über den Umgang mit Menschen* (KNIGGE, Adolph Freiherr. *Über den Umgang mit Menschen*. Stuttgart: Reclam, 1999. p. 410-415) [Sobre o modo de lidar com as gentes], escrito pelo barão Adolph Knigge no final do século XVIII. Escolhi esse texto primeiramente por uma questão de ordem prática: o direito de autor para publicações *on-line*. A fim de evitar problemas recorrentes com as editoras, optei por traduzir um texto do domínio público. Em segundo lugar, pela sua singularidade e representatividade da cultura alemã. O nome *Knigge* no espaço cultural alemão é sinônimo de boas maneiras, tanto na linguagem comum como também em títulos de livros, que visam abordar normas de conduta referentes a uma determinada profissão. E em terceiro lugar, porque, além de surpreender pela sua amplitude que compreende as mais diversas relações sociais, o texto oferece um manancial de dificuldades, favorecendo, portanto, a reflexão sobre o ato de traduzir.

A começar pelo título que se poderia resumir em tratado “de boas maneiras” ou “de relações interpessoais” ou ainda “de relações sociais”, optei por uma tradução quase ao pé da letra, preferindo “gentes” a “pessoas” e no plural por soar um tanto diferente, ao menos no português do Brasil atual. A opção de traduzir quase ao pé da letra é norteada apenas pelo gosto pessoal por coisas que soem distintas daquilo que estamos habituados a ouvir. No início da tradução tentei evitar anacronismos com a utilização de termos extemporâneos, mas ao longo do trabalho fui mudando de ideia, considerando que o objetivo é de levar este texto ao leitor brasileiro e lusófono de modo ao menos aproximadamente tão prazeroso como no original. Após muita hesitação, traduzi o substantivo *Schwätzer* (KNIGGE, *ibidem*, p. 410) em uma primeira passagem por “tagarela” e mais adiante no plural por “bacharéis”, (KNIGGE, *ibidem*, p. 414) partindo do princípio de que o leitor ao se deparar com “bacharéis” já se habituou ao texto para perceber que se trata de um sinônimo de tagarela, e com o intuito de reduzir a dificuldade da leitura que já é complexa devido principalmente à sintaxe alemã, que permite muitas orações intercaladas, o que muito lembra os textos notariais em português. Por essa razão, considereei inevitável a alteração da pontuação. Muitas vírgulas de enumerações de orações intercaladas foram substituídas por ponto e vírgula e em alguns casos por um ponto.

Na oração “Aclamações gerais provenientes de sábios e tolos, de índoles boas e más, superiores e inferiores?” [*Allgemeiner Beifall von Guten und Bösen, von Weisen und Toren, von Hohen und Niedern?*] (KNIGGE, *ibidem*, p. 412), alterei a ordem sintática do original, começando por “sábios e tolos” [*Weisen und Toren*] para poder adicionar o substantivo “índole” e adjetivar todos os substantivos que se seguem à “aclamações gerais”; e com a finalidade de evitar uma tradução menos precisa e menos melódica em português como “aclamações gerais provenientes de bondosos e malvados, sábios e tolos, superiores e inferiores”. Também passei intuitivamente “*Allgemeiner Beifall*” (KNIGGE, *ibidem*, p. 414),

---

<sup>1</sup> Simone Pereira Gonçalves é autônoma, tradutora pública e intérprete comercial de português, francês e alemão; tem especialização em legendagem, diploma de tradutora pela Universidade Humboldt de Berlim e licenciatura em Filosofia pela UFPR. É membro da Associação Federal de Intérpretes e Tradutores da Alemanha (BDÜ) e mora em Berlim.

que em alemão só admite a forma singular, para o plural em português “aclamações gerais”. Justifico essa decisão como a intenção de transmitir a ideia de generalidade.

Mantive o pronome pessoal “tu”, tal como em alemão, a fim de evitar o tom formal que implicaria a utilização do pronome “você” de acordo com a norma padrão escrita.

Optei por uma tradução mais sintetizada da frase “*Es gibt Bücher, die man durchaus nur dann lesen muß, (...)*” (KNIGGE, *ibidem*, p. 413), transformando “Há livros que só precisam ser lidos incondicionalmente, (...)” em “Há livros cuja leitura é indispensável” (KNIGGE, *ibidem*, p. 413), para tornar toda a oração mais leve, mais enxuta. A oração subordinada que se segue, foi passada para a voz passiva analítica [*deren Sinn und Schönheit man immer, in jeder Laune fassen und sich eigen machen kann*] (KNIGGE, *ibidem*, p. 413) para “cujo sentido e a beleza podem sempre ser apreendidos e apropriados em todos os estados de ânimo”. A voz passiva sintética estaria mais próxima do original em alemão, porém menos acessível em português.

Deixei os diminutivos em português, embora não esteja completamente convicta de ter feito a melhor escolha no caso específico de “Leitorzinho” [*Leserlein*] (KNIGGE, *ibidem*, p. 414), considerando que essa forma pode ter também uma conotação pejorativa e, nesse caso, não estar absolutamente certa da intenção do autor.

Restaram algumas dúvidas no que se refere à apreensão do sentido da interjeição “*Ei nun!*” (KNIGGE, *ibidem*, p. 412), que traduzi por “Ora bem!”, e da oração “*Als seine Anspruch machende Mitbürger*” (KNIGGE, *ibidem*, p. 412), traduzida como “do que esperam seus concidadãos”.

## DÉCIMO CAPÍTULO

### *SOBRE A RELAÇÃO ENTRE ESCRITORES E LEITORES*

#### 1.

Considero apropriado, antes de concluir esta obra sobre a maneira de lidar com as gentes, trocar também algumas palavras com os meus leitores sobre nossa relação recíproca. Primeiramente, algumas observações sobre a profissão, que um homem pode ter, de escrever um livro!

Disse em outras ocasiões que considero o trabalho de escritor na nossa época nada mais que uma conversação por escrito com o mundo da leitura e que, portanto, nos diálogos entre amigos não se pode tomar com muita exatidão o deslizar de uma palavra inútil. Conserva-se a liberdade de ouvir, ou não, o tagarela. Antes de comprar seu livro, pode informar-se um pouco com outras pessoas sobre o homem; mas por esse motivo não tem, penso eu, de modo algum, o direito de dizer-lhe grosserias, porque seu colóquio impresso não nos agrada, desde que ele não nos tenha enganado anteriormente com bazófias desavergonhadas e grandes promessas. Não se deve interpretar mal um escritor, quando seduzido um pouco pela loquacidade, pelo desejo ardente de comunicar seus pensamentos sobre alguma matéria a todos os tipos de gentes, exprime algo que não contém exatamente a quinta-essência da sabedoria, humor, perspicácia e erudição. É, aliás, muito mais difícil do que se poderia acreditar, avaliar seus próprios produtos; não só porque a nossa vaidade entra em jogo, senão também porque os objetos, cuja observação cogitamos por longo tempo, podem adquirir igualmente um tal valor para nós através da reflexão, da qual nos valem, que consideramos nossos pensamentos sobre eles extremamente importantes, enquanto para

uma outra pessoa, sobre o que também devemos dizer, parece desimportante e comum. E se não temos talvez sequer a língua e eloquência em nosso poder ou estamos mal-humorados no momento em que queremos colocar nossos pensamentos no papel, ou esquecemos que o objeto, sobre o qual escrevemos, é importante para nós somente através de pequenas relações especiais, com a nossa situação de então, que não podem ser cotransmitidas; ou este coração está demasiado carregado para poder narrar cronologicamente o que sente; assim acontece que escrevemos algo que nos parece muito entretido, a nós que ligamos a isso todos os conceitos secundários que fazem parte da retratação dessa imagem, porém a outrem provoca bocejos e os enche de desdém por nós.

Por isso, podendo acontecer facilmente que mesmo um homem sensato, ofuscado pela vaidade ou enganado por esses sentimentos, escreva um livro que outras gentes considerem inútil e enfadonho! Assim, jamais pode e se permite acontecer que um homem sensato fale em público algo que contrarie a moralidade e o bom senso ou que possa prejudicar o seu semelhante. Pois ainda que o trabalho de escritor seja apenas conversação, é uma tal conversação para a qual se teve longo tempo de ócio para refleti-la, como é pertinente reprimir todo pensamento imoral, totalmente equivocado e pernicioso. Por isso acho que tudo que o público pode exigir de um escritor, que se manifeste sem pretensões exageradas, é que através da sua obra ele não contribua em nada para espalhar corrupção moral, asneira e intolerância. Todo o resto: a profissão de escrever, escolha do objeto, indumentária, pretensão de glória, aclamação, louvor, utilidade a ser fomentada, lucros a serem arrecadados, esperança de imortalidade – isso tudo é coisa dele, e de próprio risco, se ele se expõe aos insultos, seja em silêncio na necessidade de arrastar-se aos pés do Parnaso ou ao ser enxotado *parforce* pelo bando de críticos.

2.

Se então o autor não diz nada de nocivo e insensato, é preciso permitir-lhe que expresse seus pensamentos; se ele diz algo de útil, assim conquista o merecimento do público. – Mas por isso é certo que seu livro agradará? Mas essa é uma outra questão completamente diferente. Aclamações gerais provenientes de sábios e tolos, de índoles boas e más, superiores e inferiores? – Ora bem! Quem será tão vaidoso de ter tais pretensões? Mas que meios baixos não escolhem alguns escritores somente para agradar a maior parte do universo de leitores? – Quem não se norteia pelo gosto da época no que se refere à forma, indumentária, ao título de seu livro; quem não mistura anedotinhas; quem não trata de fazer com que a sua obrinha seja bela, finamente impressa e adornada de ilustraçõezinhas; quem ataca ou ridiculariza preconceitos predominantes, sistemas da moda, tolices brilhantes, despotismo político, eclesiástico, erudito e moral; quem escolhe um editor invejado pelos outros livreiros, pois que são inimigos; quem não busca humildemente a proteção de algum fanfarrão erudito; quem não procura conquistar os gritalhões em público e aqueles que dão o tom nos meios refinados; quem se apresenta com demasiada modéstia; quem dedica seu livro a um homem e lhe faz justiça, cujos méritos são invejados, perseguidos; quem tem a infelicidade de chamar mais a atenção com seus produtos intelectuais do que esperam seus concidadãos; quem através disso faz nome, o que não alegra seus conterrâneos – ao menos nesta geração não encontrará realização como autor e verá brevemente sua útil obra sendo tratada como letra morta. Aconselho por isso a não negligenciar completamente as mais inocentes entre estas artes do autor. Muitas delas são, no entanto, sem valor para um homem nobre e sensato.

Agradecer em prefácios grandiloquentes pelas aclamações recebidas até então; enviar avaliações da sua obra a críticos rigorosos, escritas por si próprio ou por uma amigo complacente, e nas quais se felicita o público pelo fato de o escritor favorito da nação ter

agraciado o mundo mais uma vez com um belo livro, e mais miseráveis artes desse gênero ajudam, no entanto, somente por curto tempo. Mais segura e decisiva do que as críticas, embora não seja infalível para o valor interno que permanece de um livro, é a voz do público. Ao menos se tem de perdoar um escritor se ele considera uma obra, que é frequentemente e por anos a fio comprada, lida, reeditada e traduzida, não como completamente ruim senão como adequada às necessidades da época; caso não dê atenção à censura de críticos intrusos e prossiga entretendo o universo de leitores enquanto durar este clima; mas se o clima favorável diminui – então é sem dúvida tempo de parar.

3.

Falemos agora também da conduta, das obrigações do leitor para com o escritor! Primeiro, aquele jamais deve esquecer, penso eu, que este não pode orientar-se pelo gosto de cada um. Aquilo que para ti, na tua situação e no teu estado de ânimo parece altamente interessante, parece a um outro extremamente chato e insignificante; e deveras! O homem precisaria ser um mago para poder escrever um livro em que cada um pudesse por alguns vinténs encontrar o que busca. Há livros cuja leitura somente é indispensável, caso se esteja no mesmo estado de ânimo em que estava o homem que os escreveu; como também há outros cujo sentido e a beleza podem sempre ser apreendidos e apropriados em todos os estados de ânimo. Por isso, nem sempre aqueles são geniais, magníficos e sublimes de conteúdo, nem ao contrário entusiásticos e febris. Por isso, nem sempre estes contêm puras verdades determinadas, eternas, fundamentadas na fria, irrefutável e inabalável filosofia, digna somente do homem pleno; ou ao contrário nem sempre contêm alimentos da alma comuns, digeríveis facilmente e sem esforço. Não sejas portanto demasiado severo, meu erudito leitorzinho! Na avaliação de um livro que não foi mal escrito! Ou ao menos guarda a tua opinião na tua cabeça, na qual frequentemente há muito espaço vazio, e não denigras o livro! E muito menos ainda te deixes levar a agredir o caráter moral do escritor por pura especulação nesta conjuntura, a atribuir-lhe intenções perniciosas, a dar um sentido forçado às suas palavras e interpretar maliciosamente suas dicas. Não julgues um livro, se leste apenas passagens soltas, e não papagueies o louvor ou a depreciação de críticos maldosos ou rigorosos!

4.

Aliás, diante da quantidade de textos inúteis, faz bem ser cuidadoso tanto no modo de lidar com os livros como com as gentes. A fim de não desperdiçar tempo com a leitura de papéis inúteis, isto é, a fim de não esbanjar o meu tempo com bacharéis, procuro desse lado também não ir em busca de novos conhecidos até que o renome chame a minha atenção para um livro bom ou particularmente original. Estou satisfeito com um pequeno círculo de bons velhos amigos, com os quais converso por escrito frequentemente e com renovado prazer.

5.

Aqui seria, pois, o lugar adequado para dedicar um parágrafo próprio e não pouco significativo às observações sobre como lidar com homens magnânimos e nobres já falecidos; só isso me levaria longe demais; importante é certamente a influência, que tem o estudo da história, do caráter e dos textos dos mais famosos heróis e sábios de séculos consagrados,

sobre a formação de um homem. Adentra-se aquelas épocas sonhando-as, imbuindo-se do espírito que emana dos fatos e palavras daquelas gentes elevadas, e neste sentido o modo de lidar com os mortos teve com muita frequência um efeito muito maior sobre as mentes e os sentimentos, e através deste sobre grandes acontecimentos mundiais, do que o modo de lidar com os contemporâneos.

## ZEHNTES KAPITEL

### ÜBER DAS VERHÄLTNISS ZWISCHEN SCHRIFTSTELLER UND LESER

#### 1.

Ich halte es für billig, bevor ich dies Werk über den Umgang mit Menschen schließe, mit meinen Lesern auch ein paar Worte über unsre wechselseitigen Verhältnisse gegeneinander zu reden. Zuerst also einige Bemerkungen über den Beruf, den ein Mann haben kann, ein Buch zu schreiben.

Ich habe bei andern Gelegenheiten geäußert, daß ich die Schriftstellerei in unsern Zeiten für nichts mehr als für schriftliche Unterredung mit der Lesewelt halte und daß man es dann im freundschaftlichen Gespräche so genau nicht nehmen dürfe, wenn auch einmal ein unnützes Wort mit unterliefe. Man soll es also dem Schriftsteller nicht übel ausdeuten, wenn er, verführt von ein wenig Geschwätzigkeit, von der Begierde, über irgendeine Materie allerlei Arten von Menschen seine Gedanken mitzuteilen, etwas drucken läßt, daß nicht grade die Quintessenz von Weisheit, Witz, Scharfsinn und Gelehrsamkeit enthält. Man behält ja die Freiheit, dem Schwäzer zuzuhören, oder nicht, kann, bevor man sein Buch kauft, sich erst ein wenig bei andern nach dem Manne erkundigen, hat aber, denke ich, auf keinen Fall das Recht, ihm allein deswegen Grobheiten zu sagen, weil *uns* seine gedruckte Unterhaltung nicht gefällt, insofern er uns nicht vorher mit unverschämten Prahlereien und großen Versprechungen getäuscht hat. Es ist überhaupt sehr viel schwerer, als man glauben sollte, seine eignen Produkte zu beurteilen; nicht nur weil unsre Eitelkeit da in das Spiel kommt, sondern auch weil die Objekte, über deren Beobachtung wir lange gebrütet, für uns eben durch das Nachdenken, welches wir darauf verwendet, einen solchen Wert bekommen haben können, daß wir unsre Gedanken darüber für äußerst wichtig halten, indes einem andern, was wir auch davon sagen mögen, unwichtig und gemein vorkommt. Und haben wir etwa gar Sprache und Beredsamkeit nicht in unsrer Gewalt oder sind verstimmt zu der Zeit, wenn wir unsre Gedanken zu Papier bringen wollen, oder vergessen, daß der Gegenstand, über welchen wir schreiben, nur durch kleine spezielle Beziehungen auf unsre damalige Lage, die sich nicht mit übertragen lassen, uns am Herzen liegt; oder dies Herz ist zu voll, um, was es empfindet, nach der Reihe hererzählen zu können; so geschieht es, daß wir etwas schreiben, welches uns, die wir alle Nebenbegriffe daranknüpfen, die dazu gehören, das Bild auszumalen, sehr unterhaltend scheint, jeden andern aber gähnen macht und mit Unwillen gegen uns erfüllt. Indem es nun desfalls leicht geschehn kann, daß selbst ein verständiger Mann, von Eitelkeit geblendet oder durch jene Gefühle irregeleitet, ein Buch schreibt, das andere Menschen für ein unnützes und langweiliges Buch halten! so kann und darf es doch nie einem verständigen Manne begegnen, etwas öffentlich vor dem Publico zu reden, das gegen Moralität und gesunde Vernunft stritte oder wodurch er einem seiner Mitmenschen Schaden zufügte. Denn wengleich Schriftstellerei nur Unterredung ist, so ist sie doch eine solche Unterredung, auf welche man sich so lange Zeit zu besinnen muß gehabt hat, als dazu gehört, jeden unsittlichen, ganz schiefen und boshaften Gedanken zu unterdrücken. Ich meine daher, alles, was das Publikum von einem Schriftsteller, der ohne zu weit getriebne Ansprüche auftritt, fordern kann, ist, daß er durch seine Werke nichts dazu beitrage, Sittenverderbnis, Dummheit und Unduldsamkeit zu verbreiten. Alles übrige: Beruf zu schreiben, Wahl des Gegenstands, Einkleidung, Ansprüche auf Ruhm, Beifall, Lob, zu stiftender Nutzen, einzunehmender Gewinn, Hoffnung auf Unsterblichkeit – das alles ist seine *Sache*, und es geht auf seine

Gefahr, wenn er sich dem Schimpfe aussetzt, entweder in der Stille zu Fuße vom Parnasse wieder herunterschleichen zu müssen oder von der Meute der Rezensenten *parforce* gejagt zu werden.

2.

Wenn also ein Autor nichts Schädliches und nichts Unsinniges sagt, so muß man ihm erlauben, seine Gedanken drucken zu lassen; wenn er etwas Nützliches sagt, so macht er sich ein Verdienst um das Publikum. – Aber wird deswegen sein Buch auch gewiß gefallen? Das ist wieder eine ganz andre Frage. Allgemeiner Beifall von Guten und Bösen, von Weisen und Toren, von Hohen und Niedern? – Ei nun! wer wird so eitel sein, darauf Anspruch zu machen? Aber um auch nur dem größten Teile der Lesewelt zu gefallen, welche niedrige Mittel wählt da nicht mancher Schriftsteller? – Wer sich nicht in Ansehung der Form, der Einkleidung, des Titels seines Buchs nach dem Geschmacke des Jahres richtet; wer keine Anekdotchen einmischt; wer nicht dafür sorgt, daß sein Werkchen hübsch fein gedruckt und mit Bildlein ausgeziert sei; wer herrschende Vorurteile, Modesysteme, glänzende Torheiten, politischen, kirchlichen, gelehrten und moralischen Despotismus angreift oder lächerlich macht, wer sich einen Verleger wählt, auf den die andern Buchhändler neidisch, dem sie feind sind; wer sich nicht demütig unter den Schutz irgendeines gelehrten Posaunenbläusers begibt; wer nicht die Schreier im Publico und die, welche in der feinen Welt den Ton angeben, zu gewinnen sucht; wer zu bescheiden auftritt; wer sein Buch einem Manne widmet oder in demselben einem Manne Gerechtigkeit widerfahren läßt, dessen Verdienste beneidet, verfolgt werden; wer das Unglück hat, durch seine Geistesprodukte mehr Aufmerksamkeit zu erregen, als seine Anspruch machende Mitbürger; wer dadurch auswärts sich einen Namen macht, den ihm seine Landesleute nicht gönnen – der wird wenigstens in dieser Generation sein Glück als Autor nicht machen und auch sein nützlichstes Werk bald als Makulatur behandelt sehn. Ich rate daher, die unschuldigsten unter diesen kleinen Autorkünsten nicht gänzlich zu vernachlässigen. Viele davon aber sind eines edeln, verständigen Mannes unwert.

In prahlerischen Vorreden sich für den bisher erhaltenen allgemeinen Beifall zu bedanken; an feile Rezensenten Beurteilungen seiner Werke einzusenden, die man selbst, oder die ein gefälliger Freund aufgesetzt hat und in welchen man dem Publiko dazu Glück wünscht, daß der Lieblingsschriftsteller der Nation die Welt abermals mit einem schönen Buche beschenkt habe und dergleichen elende Künste mehr, helfen doch nur auf kurze Zeit. Sichrer als die Rezensionen, obgleich nicht unfehlbar für den bleibenden innern Wert eines Buchs entscheidend, ist die allgemeine Stimme des Publikums. Wenigstens ist es einem Schriftsteller zu verzeihen, wenn er ein Werk nicht für ganz schlecht, sondern dem Bedürfnisse des Zeitalters angemessen hält, das, eine Reihe von Jahren hindurch, häufig gekauft, gelesen, neu aufgelegt und übersetzt wird. wenn er dann auf den einzelnen Tadel unberufner Kunstrichter wenig achtet und fortfährt, die Lesewelt zu unterhalten, so lange diese Stimmung dauert; aber wenn sie auch nachläßt - dann ist es freilich Zeit, aufzuhören.

3.

Reden wir jetzt aber auch von dem Betragen, von den Pflichten des Lesers gegen den Schriftsteller! Zuerst soll, denke ich, jener nie vergessen, daß dieser sich nicht nach dem Geschmacke jedes einzelnen richten kann. Was für Dich in Deiner Lage, in Deiner Stimmung höchst interessant ist, das scheint einem andern vielleicht äußerst langweilig und

unbedeutend, und wahrlich! der Mann müßte ein Hexenmeister sein, der ein Buch verfassen könnte, in welchem jeder für seine paar Groschen fände, was er suchte. Es gibt Bücher, die man durchaus nur dann lesen muß, wenn man ebenso gestimmt ist, wie der Mann war, der sie schrieb, sowie es auch andre gibt, deren Sinn und Schönheit man immer, in jeder Laune fassen und sich eigen machen kann. Nicht immer sind darum *jene* geistvoll, groß und erhaben von Inhalte, noch im Gegenteil schwärmerisch und fieberhaft. Nicht immer enthalten darum *diese* lauter bestimmte, ewige Wahrheiten, auf kalte, unwiderlegbare, allein des vollkommenen Mannes würdige, unerschütterliche Philosophie gegründet, oder, im Gegenteile, nicht immer gemeine, ohne Mühe leicht zu verdauende Seelenspeise. Sei also nicht zu streng, mein gelehrtes Leserlein! in Beurteilung eines sonst nicht schlecht geschriebnen Buchs! oder behalte wenigstens Deine Meinung darüber in Deinem Kopfe, in welchem oft viel leerer Raum ist, und verschreie das Buch nicht! Am wenigsten aber laß Dich verleiten, den moralischen Charakter des Schriftstellers auf bloße Mutmaßung bei dieser Gelegenheit anzugreifen, ihm schädliche Absichten beizumessen, seinen Worten einen erzwungenen Sinn zu geben und seine Winke hämisch auszudeuten. Beurteile nicht ein Buch, wenn Du nur einzelne Stellen daraus gelesen hast, und bete nicht das Lob und den Tadel unwissender, boshafter oder feiler Rezensenten nach!

4.

Bei der Menge unnützer Schriften tut man übrigens wohl, ebenso vorsichtig im Umgange mit Büchern als mit Menschen zu sein. Um nicht zu viel Zeit mit Lesung unnützen Papiers zu verschwenden, das heißt: um nicht von Schwätzern mir die Zeit verderben zu lassen, suche ich auch von dieser Seite nicht neue Bekanntschaften zu machen, bis der allgemeine Ruf mich auf ein gutes oder besonders originelles Buch aufmerksam macht. Ich bin mit einem kleinen Zirkel alter guter Freunde zufrieden, die ich oft und immer mit neuem Vergnügen schriftlich mit mir reden lasse.

5

Hier wäre dann wohl der Ort, einen eigenen, nicht unbedeutenden Abschnitt den Bemerkungen über den Umgang *mit verstorbenen großen und edeln Männern zu widmen*; allein das würde mich zu weit führen; wichtig ist aber gewiß der Einfluß, den das Studium der Geschichte, des Charakters und der Schriften der berühmtesten Helden und Weisen verschlossener Jahrhunderte auf die Ausbildung eines Mannes hat. Man träumt sich in jene Zeiten hinein, wird beseelt von dem Geiste, der aus den Taten und Reden jener erhabnen Menschen hervorgeht und in diesem Sinne hat der Umgang mit Verstorbenen sehr oft größere Wirkung auf Köpfe, Herzen, und durch diese auf große Weltbegebenheit, geäußert, als der Umgang mit Zeitgenossen.